

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio Karine Siqueira Cabral Rocha
(Organizadoras)



A FORMAÇÃO MÉDICA E OS DESAFIOS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio Karine Siqueira Cabral Rocha
(Organizadoras)



A FORMAÇÃO MÉDICA E OS DESAFIOS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Camila Pereira – Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
 Profª Drª Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes
 Prof. Dr. Davi Oliveira Bizerril – Universidade de Fortaleza
 Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
 Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
 Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
 Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
 Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
 Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
 Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Guillermo Alberto López – Instituto Federal da Bahia
 Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
 Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDP
 Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Kelly Lopes de Araujo Appel – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
 Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Luciana Martins Zuliani – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Max da Silva Ferreira – Universidade do Grande Rio
 Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
 Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
 Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Taísa Ceratti Treptow – Universidade Federal de Santa Maria
 Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
 Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

A formação médica e os desafios para a promoção de saúde

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Natália de Fátima Gonçalves Amâncio
 Karine Siqueira Cabral Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
F723	<p>A formação médica e os desafios para a promoção de saúde / Organizadoras Natália de Fátima Gonçalves Amâncio, Karine Siqueira Cabral Rocha. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0808-6 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.086231101</p> <p>1. Promoção da saúde. I. Amâncio, Natália de Fátima Gonçalves (Organizadora). II. Rocha, Karine Siqueira Cabral (Organizadora). III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 610.7</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Este livro compreende uma coletânea de textos elaborados por diferentes autores acerca da *A Formação Médica e os Desafios para a Promoção de Saúde*. Os capítulos foram construídos a partir de um projeto científico elaborado para o Componente Curricular Habilidades de Informática III, do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas –UNIPAM.

A coleção é uma obra que tem como foco principal a discussão teórica sobre as necessárias modificações na formação médica, impulsionadas a partir da instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina, articulando-a com a nova Promoção da Saúde.

Em razão da busca por novas formas de aprender e aplicar saúde e pela importância da integralidade do cuidado, a ciência tem avançado na ampliação da formação médica nos últimos tempos tanto para se alcançar a almejada Promoção da Saúde quanto para capacitar os futuros profissionais a atuarem de forma ativa nos determinantes sociais do processo saúde-doença, superando os gargalos atuais.

Elaborada com cuidado e sensibilidade, a coletânea aborda de forma clara e pontual questões delicadas e extremamente relevantes, vinculadas a formação generalista, humanista, crítico-reflexiva, pautada em princípios éticos, nos diferentes níveis do processo saúde-doença, visando à promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania.

Espera-se que esta obra possa contribuir para novos modelos formativos, uma atuação profissional inovadora, qualificada e humanizada nas ciências da saúde. Uma ótima leitura a todos!

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio
Karine Siqueira Cabral Rocha

Os temas abordados nos capítulos do livro, buscam trazer a relevância de assuntos imprescindíveis na formação médica, como lidar com grupos vulneráveis desde a primeira infância, adolescência, gestantes e puérperas, transexuais, idosos. Trazem também a importância do cuidado com a saúde mental do próprio médico em formação, o reconhecimento dos saberes tradicionais, a dominância das mulheres na profissão médica e finaliza com a discussão dos desafios da Promoção da Saúde, que são inúmeros.

A iniciativa de compilar assuntos tão diversos retrata a própria natureza interdisciplinar e intersetorial da Promoção de Saúde, traz a diversidade da sociedade para as páginas do livro, dando voz a populações marginalizadas e estigmatizadas até então.

A promoção de saúde como política de saúde no Brasil, tem sido implementada de diferentes maneiras nas regiões brasileiras e tem possibilitado melhoria dos indicadores de saúde, promovendo maior engajamento comunitário, empoderamento e equidade.

O Sistema Único de Saúde brasileiro é sem sombra de dúvida a principal política de inclusão social e deve ser estudado, entendido e reconhecido como tal.

Redigir o prefácio de obra *A Formação médica e os Desafios da Promoção de Saúde* trouxe expectativas e esperança.

Expectativa por uma obra que se propõe a superar o modelo biomédico justamente na formação médica e que coloca a promoção da saúde como um eixo imperativo na busca de uma medicina cada vez menos cartesiana e cada vez mais centrada no ser humano integral, biopsicosocial.


Esperança por acreditar que a promoção de saúde como campo teórico e metodológico oferece um leque de abordagens para o ensino e a aprendizagem que podem auxiliar na formação diferenciada de profissionais de saúde.

Boa leitura!!

Mônica de Andrade
 Vice-presidente da União Internacional de Promoção de Saúde e
 Educação para a Saúde para América Latina (IUHPE/ORLA)


CAPÍTULO 1 1**A ATUAÇÃO MÉDICA NA PREVENÇÃO DE ACIDENTES EM PEDIATRIA**

Gabriela Tavares de Jesus
Andreza Luiza Souza Côrtes
Francis Jardim Pfeilsticker
Eliane Rabelo de Sousa Granja

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311011>

CAPÍTULO 2 12**A FORMAÇÃO DE NOVAS MÉDICAS NO BRASIL E O IMPACTO NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE**

Maria Fernanda Londe de Lima
Ranna Samara Fernandes de Resende
Maria de Fátima Silva Porto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311012>


CAPÍTULO 3 21**A FORMAÇÃO MÉDICA E OS DESAFIOS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE**

Júllia Cristina Silva
Mateus Lima Resende
Maura Regina Guimarães Rabelo
Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311013>

CAPÍTULO 430**A FORMAÇÃO MÉDICA HUMANIZADA E OS DESAFIOS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE DA MULHER: PRÉ-NATAL E NASCIMENTO**

Samantha Stephany Silva Martins
Johnathan Camargo Borges Lima
Flávio Rocha Gil
Karine Cristine de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311014>


CAPÍTULO 538**ABORDAGEM DA SEXUALIDADE DO IDOSO NA ATENÇÃO BÁSICA**

Caroline Mundim Tana
Fernanda Sousa Simões
Kelen Cristina Estavanate de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311015>

CAPÍTULO 646**DESAFIOS DE PROMOVER SAÚDE NA TERCEIRA IDADE**


Maryelle de Oliveira Ferreira
Sarah Maria de Carvalho Andrade
Laís Moreira Borges Araujo
Luciano Rezende dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311016>

CAPÍTULO 754

DESAFIOS NA FORMAÇÃO MÉDICA PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE DE POPULAÇÕES VULNERÁVEIS


Anna Jhuliah Santin Franzon
 Amanda Káren Alves Pereira
 Adelaide Maria Ferreira Campos D´avila
 Thiago de Deus Cunha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311017>

CAPÍTULO 865

DESAFIOS PARA A MANUTENÇÃO DA SAÚDE MENTAL DURANTE A FORMAÇÃO MÉDICA

Ana Carolina Castro Silva
 Kalil Ribeiro Nunes
 Yasmin Justine Borges
 Jonatha Cajado Menezes e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311018>

CAPÍTULO 972

DESAFIOS SOCIOLÓGICOS PARA A FORMAÇÃO MÉDICA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE


Pedro Augusto Batista Borba
 Gabriel Fernandes Pellegrini Cortez
 Maria de Fátima Silva Porto
 Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0862311019>

CAPÍTULO 10.....82

DIFICULDADE DE PROMOÇÃO DA SAÚDE DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA


Victória Franco Silva
 Ana Luiza Oliveira Caixeta
 Isadora Pelet Ribeiro
 Lucas Ribeiro Marques Campos de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08623110110>

CAPÍTULO 1190


DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

Juliana Alves Rodrigues
 Maria Eduarda Silva Lima Verde Santos
 Ana Cecília Cardoso de Sousa
 Flávio Rocha Gil

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08623110111>


CAPÍTULO 12.....97**FORMAÇÃO MECANICISTA NAS ESCOLAS MÉDICAS: UM DESAFIO HISTÓRICO PARA A EFETIVAÇÃO NA PROMOÇÃO EM SAÚDE**

João Danúcio Andrade filho
 Rodrigo Henrique Nogueira Mamédio
 Maura Regina Guimarães Rabelo
 Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08623110112>


CAPÍTULO 13..... 104**MÉDICO COMO PROMOTOR DE SAÚDE – DA TEORIA À PRÁTICA**

Núbia Santos Nogueira
 Samila Carla da Silva Nascimento
 Karine Siqueira Cabral Rocha
 Élcio Moreira Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08623110113>


CAPÍTULO 14..... 111**O USO INDISCRIMINADO DE ANTIBACTERIANOS**

Chrystian Silva Pereira
 Willian Júnio Rodrigues Mendonca
 Ana Paula Nascentes de D. F. Siqueira
 Vanessa Pereira Tolentino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08623110114>

CAPÍTULO 15.....119**ORIENTAÇÕES DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE NA ATENÇÃO BÁSICA**

Maria Caroline Takahashi dos Santos
 Bruna Kasparly
 Francis Jardim Silveira
 Cátia Aparecida Caixeta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08623110115>

CAPÍTULO 16..... 126**OS EMBATES ENTRE O SENSO COMUM E A PROMOÇÃO DE SAÚDE**

Rosangela Mayara Ribeiro
 Marisa Costa e Peixoto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08623110116>

CAPÍTULO 17..... 135**TABU NA SEXUALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE**

Giovana Maria da Silva Santos

Maira Eduarda de Sousa Sgreccia Morais
Paula Marynella Alves Pereira Lima
Francis Jardim Pfeilsticker

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08623110117>

SOBRE A PREFACIANTE.....	145
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	146

TABU NA SEXUALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE

Data de aceite: 17/11/2022

Giovana Maria da Silva Santos

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Brasil.

Maira Eduarda de Sousa Sgreccia Morais

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Brasil.

Paula Marynella Alves Pereira Lima

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Brasil.

Francis Jardim Pfeilsticker

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Brasil.

Sigmund Freud, neurologista e psiquiatra do século XIX, foi o primeiro estudioso a definir sexualidade e a discutir seus conflitos, uma vez que os preconceitos da Era Vitoriana (1837 - 1901) reprimiam a abordagem dessa temática até então (MAIA, MEDEIROS, FERREIRA, 2018).

Nessa perspectiva, a Organização

Mundial de Saúde (OMS, 2006) define sexualidade como um aspecto central do ser humano que está relacionado a sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Ainda segundo a OMS a sexualidade inclui diversas dimensões sendo influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais.

Ainda que 30 anos se passaram desde a definição de Freud, falar sobre sexualidade ainda é um grande desafio na sociedade:

Amplamente complexo e envolto por acentuadas controvérsias, o tema da sexualidade ainda é muito difícil de ser debatido, mesmo na sociedade atual, onde se tenta enxergar o assunto numa ótica de liberdade e extrema abertura. Ao longo da história ocidental, o tema da sexualidade foi alvo de distorções e repressões, gerando inúmeros tabus, e sendo muitas vezes reduzido a esfera da genitalidade ou como mero mecanismo natural de procriação. (SILVA E BRÍGIDO, 2016, p. 125-138).

Nesse sentido, a promoção de saúde é impactada pelos preconceitos e tabus ainda existentes na comunidade a respeito da prática sexual, haja vista que muitos problemas como gravidez na adolescência, aumento de Infecções Sexualmente Transmissíveis, agravos na saúde mental e aborto ilegal, estão relacionados com a falta de naturalidade ao abordar a sexualidade. Logo, reforçando a importância deste aspecto, deve-se ressaltar que o prazer sexual por si só pode melhorar os aspectos biopsicossociais de indivíduos de diferentes faixas etárias e ainda influenciar positivamente nas estratégias de saúde pública (CURLEY, JOHNSON, 2022).

Desse modo, 7,9% das meninas com idade entre 13 e 17 anos que já tiveram relação sexual engravidaram alguma vez na vida (IBGE, 2019). Além disso, em 2019, aproximadamente 1 milhão de pessoas com idade igual ou superior a 18 anos contraíram alguma infecção sexualmente transmissível (IBGE, 2019). Outrossim, 36,7% dos estudantes de 13 a 17 anos relataram não ter usado preservativo na primeira relação sexual (IBGE, 2019).

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A.do.les.cên.ci.a (s.f): Período do desenvolvimento humano, entre a puberdade e a idade adulta, durante o qual ocorrem mudanças físicas, como o crescimento acelerado e a maturidade sexual e alterações psicológicas e sociais (MICHAELLIS, 2022).

Apesar da definição, no Brasil, não há um consenso sobre a faixa etária da adolescência: para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) essa fase vai dos 12 aos 18 anos de vida, sendo referência para criação de leis e programas que asseguram os direitos desta população. Já para o Ministério da Saúde, seguindo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é o período entre 10 e 20 anos de idade (VIVENDO A ADOLESCÊNCIA, 2000).

Além disso, de acordo com a pesquisa “O cenário da Infância e Adolescência no Brasil” de 2022 da Fundação Abrinq, pessoas entre zero e 19 anos representam cerca de 33% da população brasileira e, dentre os principais problemas de saúde dos adolescentes, a gravidez é a que mais se sobressai (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2021). Antigamente, engravidar antes dos 19 anos era comum e não se constituía um problema de ordem pública. No entanto, as redefinições na posição social da mulher, gerando novas expectativas para as jovens, no tocante à escolarização e profissionalização, e o fato da maioria destes nascimentos ocorrer fora de uma relação conjugal despertam atenção para os casos de gravidez na adolescência (BRANDÃO, HEILBORN, 2006).

Nesse sentido, o relatório de 2017 da Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO) mostrou que, entre 2010 e 2015, a média brasileira foi de 68,4 bebês nascidos de mães

adolescentes a cada 1.000 meninas de 15 a 19 anos. Além disso, em 2018, por meio do relatório de Estatísticas do Registro Civil, 432.460 bebês nasceram de mães adolescentes, o que representou quase 15% de todos os nascimentos no país naquele ano (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 2018). Esses dados revelam o preocupante cenário brasileiro, já que a descoberta e a vivência da sexualidade na adolescência, não acontece de forma segura.

Sobre esse assunto, o desenvolvimento da sexualidade é permeado por diversos elementos como carícias íntimas, descoberta gradativa do próprio corpo e do corpo do parceiro, conversas, dúvidas e medos. Nesse contexto de novas sensações e novos sentimentos, os jovens precisam de orientações como, por exemplo, prevenção de gravidez e de infecções sexualmente transmissíveis, violência sexual, fisiologia do próprio sistema genital, orientação sexual, entre outros.

Entretanto, devido ao tabu histórico a respeito da sexualidade, na maioria das vezes, esses assuntos não são abordados nem pela família, que tem receio de incentivar as práticas sexuais nos jovens, nem pela escola, a qual ou não tem profissionais aptos à discutirem sobre o assunto ou tem medo de represálias pelos pais dos alunos, e nem pelos médicos, visto que os próprios agentes de saúde sentem vergonha e constrangimento ao perguntarem sobre esses temas.

Dessa forma, os adolescentes vão buscar ajuda em sites não confiáveis e até em conteúdo pornográfico, adquirindo conhecimentos vagos e distorcidos. Essas limitações de informações contribuem para que os jovens iniciem sua vida sexual de forma despreparada e sem prevenção, expondo-se a gravidez (FLORIDO, 2019).

Nesse viés, se uma gravidez planejada já traz diversas mudanças para o cotidiano da família, para uma adolescente que, na maioria dos casos, não recebe suporte do parceiro e ainda é financeiramente dependente dos pais, essas alterações são ainda mais severas:

As consequências indesejáveis da gravidez no período da adolescência não são basicamente biológicas, mas, sobretudo, psicossociais, culturais e econômicas. Atualmente, a adolescência passou a ser considerada como período para atividade escolar e para preparação profissional no contexto de dependência familiar, tanto econômica quanto emocional. Quando ocorre a gravidez, a jovem tem de realizar, de uma só vez, tanto todos os ajustes exigidos por esse novo estado quanto os exigidos pela adolescência. (SILVA, 2011).

Há ainda diversas outras consequências sociais tais como os conflitos familiares, o comprometimento dos estudos, menor chance de qualificação profissional, com óbvios reflexos para as oportunidades de inserção posterior no mundo do trabalho, impossibilidade de estabelecer uma família com plena autonomia e autogestão e, ainda, dependência financeira absoluta dos pais (TABORDA, et al, 2014).

Do ponto de vista da saúde, a gestação na adolescência apresenta diversos riscos para a jovem, visto que parto e complicações da gestação são as principais causas de hospitalização e morte entre adolescentes mulheres em países em desenvolvimento. Anemia, pré-eclâmpsia e hemorragia pós-parto podem ocorrer em proporções maiores que em gestantes adultas. Ademais, bebês de adolescentes tem mais risco de nascer pré-termo, ter baixo peso ao nascer, ter baixa pontuação na avaliação APGAR e sofrer morte perinatal (SILVA, SURITA, 2017).

Portanto, depreende-se que o tabu histórico sobre sexualidade, ao impedir que os jovens recebam orientações sobre métodos contraceptivos, fisiologia do sistema genital e consequências de uma gestação não planejada, por exemplo, dificulta a efetividade das ações de promoção em saúde, visto que leva a relações sexuais desprotegidas e pode resultar em uma gravidez na adolescência, trazendo diversas consequências para a mulher e colocando mãe e bebê em situações de risco para agravos em saúde.

ABORTO ILEGAL

A Organização Mundial da Saúde define abortamento como interrupção da gestação com a extração ou expulsão do embrião ou do feto de até 500 gramas antes de completar a vigésima segunda semana de gestação, período no qual o nascituro ainda não consegue sobreviver fora do útero. O aborto - resultado do processo de abortamento - pode ser de 2 tipos: espontâneo, ocorrido de forma natural, ou induzido, realizado intencionalmente por meio de medicações ou procedimentos de curetagem (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005).

No Brasil, o aborto induzido é considerado crime contra a vida pelo artigo 128 do Código Penal e só pode ser realizado nas seguintes situações: quando a gravidez representa risco de vida para a gestante e não há outro meio de salvar sua vida; quando a gravidez é resultado de um estupro; ou quando o feto é anencefálico (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005).

Nesse sentido, dados como 16 a cada 1000 mulheres tiveram um aborto induzido em 2013 (DOMINGUES, 2020) e cerca de 20% das mulheres até os 40 anos induziu o aborto pelo menos uma vez (DINIZ, 2016), levantam questionamentos sobre o porquê de tal ato. Assim, percebe-se que mesmo com tantas informações sobre fisiologia do ciclo fértil das mulheres, métodos contraceptivos e planejamento familiar, por exemplo, ainda há tantas mulheres que passam por uma gravidez indesejada.

De uma forma geral, as diversas causas que levam a uma gestação não planejada e, conseqüente, procura aos serviços ilegais de aborto estão relacionadas com o tabu na sexualidade. Isso porque, ao não se permitir falar sobre os diversos assuntos dessa temática, as diversas informações disponíveis não são acessadas e compartilhadas pela

grande maioria da população. Na sociedade brasileira, o tema sexualidade ainda se encontra cercado de mistério e tabus (SOUSA, 2006).

Essa repressão em falar sobre sexualidade permeia diferentes âmbitos sociais: na família, muitas vezes o casal não dialoga sobre a possibilidade de uma gestação e não fazem uso de métodos contraceptivos; na escola, a educação sexual é escassa e desperdiça a oportunidade de instruir os jovens sobre temas como os ciclo reprodutivo, sobre as diferentes opções de contracepção, sobre como usá-los de forma correta, sobre as consequências de uma gestação não planejada, entre outros. Vale ressaltar ainda que, a censura sobre temas relacionados com a sexualidade resulta em não alertar as pessoas sobre as diferentes formas de coerção sexual existentes as quais podem, até mesmo, resultar em uma gravidez não desejada e posterior remoção ilegal e não segura do feto. Essa relação pode ser evidenciada no artigo Aborto e coerção sexual: o contexto de vulnerabilidade entre mulheres jovens:

A associação entre a declaração de coerção sexual e de aborto se manteve (...). Esse dado evidencia o quadro de vulnerabilidade de gênero em que as jovens estão inseridas, no qual a declaração de coerção sexual aparece associada a outros fatores, como o recurso ao aborto, denotando certa precariedade nas negociações em termos de sexualidade e reprodução (PILECCO, 2011).

Ademais, infere-se que dentro do consultório médico, o tabu na sexualidade impede que dados relevantes para a conduta do profissional sejam colhidos e devidamente trabalhados ao longo das consultas. Muitas vezes, por vergonha, medo e preconceito, médico e pessoa atendida não abordam itens como atividade sexual, uso de métodos contraceptivos e planejamento familiar, o que corrobora a ocorrência de gestações indesejadas e, por conseguinte, práticas clandestinas de abortamento.

Sobre esse assunto, mesmo nos casos em que o abortamento é permitido, muitas vezes, além de os médicos escusarem-se de realizá-lo sob alegação de divergência moral, não há infraestrutura adequada para o procedimento (MORAIS, 2008). Desse modo, se essa é a realidade enfrentada pelas gestantes legalmente autorizadas, as mulheres que se submetem ao aborto clandestino se colocam em situações ainda mais perigosas e com sérios riscos à saúde.

Nesse viés, o aborto representa a quarta causa de morte materna no Brasil, sendo as práticas inseguras a causa básica dessas mortes, pois o uso de instrumentos rígidos, aumenta a possibilidade de perfuração uterina. Além disso, algumas substâncias químicas instiladas dentro da cavidade uterina podem provocar Necrose Miometrial. Outro fator recorrente é a infecção por microrganismos como a bactéria *Clostridium perfringens* (BRASIL, 2000). Hemorragia grave, esterilidade e infecção das trompas são outras

consequências ginecológicas frequentes (ALVE, 2005).

Assim, conclui-se que o tabu na sexualidade, ao impedir o diálogo e o acesso a informações como planejamento familiar, educação sexual, métodos anticoncepcionais, entre outros, dificulta o pleno exercício da promoção em saúde, uma vez que corrobora a ocorrência de gestações não desejadas e não planejadas, e conseqüentemente, coloca as mulheres em situação de alto risco em procedimentos ilegais de aborto.

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

O Ministério da Saúde define como Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), aquelas causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, que podem ser transmitidas por múltiplos meios, em especial, pelo contato sexual, sem uso de preservativo (feminino ou masculino) com uma pessoa que esteja infectada. No Brasil, o tratamento para tais enfermidades é realizado pelo SUS (Sistema Único de Saúde), de maneira gratuita, embora a prevenção a essas infecções seja mais eficaz. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Nesse cenário, como já abordado, estudos sobre relações sexuais vêm sendo abordados há séculos, entretanto, Diógenes de Sínope, um dos principais nomes da Grécia Antiga, ainda no ano 412 a.C., defendia que precisamos dar atenção somente às necessidades naturais: comer, beber, excretar, dormir e transar, ressaltando o sexo como uma necessidade natural e “instintiva” do ser humano. Neste âmbito, este pensamento, como pode-se destacar, é criticado até os dias atuais. Desse modo, percebe-se ainda que apesar de todos os avanços psicológicos e sociológicos instaurados “em pleno século XXI” e tratando-se de um assunto intrínseco à biologia humana, a população ainda sente-se envergonhada em abordá-lo. Sendo assim, a medicina acaba sendo prejudicada, especialmente, quando pretende-se prevenir as IST’s entre públicos sexualmente ativos que não são comentados: adolescentes, homossexuais e idosos; haja vista que o tabu da prática sexual entre estas populações é bastante prevalente (FURLANI, 2009).

ADOLESCENTES

Segundo a OMS (OMS, 2015), aproximadamente 250 milhões de pessoas, em todo mundo, serão diagnosticadas com alguma Doença Sexualmente Transmissível, sendo a maioria destes adolescentes. De acordo com estudos do Jornal da Universidade Federal de São Paulo, foi detectado um aumento de 64,9% das IST’s entre jovens de 15 a 19 anos e de 74,8% para os de 20 a 24 anos, entre 2009 e 2019 (Jornal da Universidade Federal de São Paulo, 2021).

Por conseguinte, na tentativa de compreender o aumento dos casos de IST’s (Infecções Sexualmente Transmissíveis) entre jovens, Sousa e colaboradores (2018),

relacionam o fato à vulnerabilidade dos jovens a essas moléstias, as quais apresentam causas diversas, a destacar: início precoce da atividade sexual, a necessidade de aceitação e inserção em grupos sociais, aumento do consumo de álcool e outras drogas, e questões de gênero. Ainda, vale ressaltar que muitos consideram-se suficientemente informados, a ponto de não perceberem o risco de adquirir IST.

Posto isto, o melhor modo de evitar o crescimento de casos de IST's é a prevenção, que deve ser realizada em conjunto pelos profissionais da saúde e responsáveis pelos adolescentes, abordando o assunto de modo natural, sem julgamento ou repreensões, por meio de questionamentos e deixando em aberto a possibilidade de tirar dúvidas, esclarecendo a importância em se proteger nas relações sexuais para evitar as infecções.

LGBTQI+

Ao final do século XX, uma epidemia se alastrou por diversos países do mundo, que inicialmente foi nomeada de “peste gay”, devido à crença de ser uma doença que se manifestava apenas entre homossexuais, tal enfermidade é a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Hoje, sabe-se que esses julgamentos eram frutos dos errôneos preconceitos presentes naquela época, haja vista que todos podem adquirir o vírus se praticar relações sexuais desprotegidas com qualquer pessoa previamente contaminada. (NALIN,2021)

Diante do exposto, percebe-se que a anos a população pertencente ao público LGBTI+ é alvo de constantes tabus e preconceitos, o que favorece o aumento de ISTs devido ao medo em procurar se informar e por receio em sofrer alguma discriminação. Nesse aspecto, Boletins Epidemiológicos de DST-AIDS (Doença Sexualmente Transmissíveis-Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) divulgados pelo Ministério da Saúde desde 2016, mostra que o contágio é maior em homossexuais, 29,2% dos casos, quando comparados a heterossexuais, 16% dos casos, o que comprova a necessidade de medidas de prevenção nesse público.

SAÚDE MENTAL E SEXUALIDADE

Dia 10 de outubro é o Dia Mundial da Saúde Mental, criado pela Federação Mundial de Saúde em 1992 e implementado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Foi criado com o intuito de alertar a população sobre a importância de um debate abrangente sobre os riscos envolvendo a saúde mental. Além disso, no Brasil, ainda temos o Setembro Amarelo, criado em 2014 pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), com a finalidade de reforçar e alertar a população sobre os riscos envolvendo transtornos da mente, principalmente em

crianças e jovens, uma vez que tal assunto é evitado ser discutido. (Dia Mundial da Saúde Mental alerta para importância de conscientização e educação sobre o tema, 2021)

Dessarte, como abordado em todo o capítulo, constata-se que Saúde Mental e Sexualidade, são, então, dois assuntos bastante ignorados, principalmente por serem considerados “tabu” pela população em geral. No entanto, tais temas devem ser abordados, haja vista que a resistência em se discutir tópicos sexuais, especialmente com públicos mais vulneráveis, pode trazer consequências como agravos na Saúde Mental desses indivíduos, com diversos transtornos, dentre eles, ansiedade, depressão e em último caso, suicídio. Corroborando com essa problemática, um estudo transversal realizado no Nordeste no ano de 2019 com portadores de HIV, dos quais 64% dos participantes eram homens e 50% deles com a idade entre 20 e 30 anos, mostrou que 42% destes apresentavam depressão e 52% ansiedade mínima (SILVA et al. 2021).

Outrossim, há uma alta taxa de doenças mentais em adolescentes grávidas ocasionado por diversos fatores como maior vulnerabilidade devido ao período gravídico-puerperal, inexistência de apoio parental ou falta de aceitação do parceiro, preconceito da comunidade e, conseqüentemente, afastamento das atividades e relações sociais, provocando o isolamento. Nesse aspecto, estudos nacionais revelam prevalências de 13% a 26% de depressão em grávidas adolescentes (PEREIRA et al, 2009). Entretanto, outros estudos abordam essa temática, discorrendo sobre os problemas de saúde futuros que podem ser desenvolvidos na mãe e no feto se esses sintomas mentais prevalecerem por um longo período durante a gestação (PEREIRA et al, 2009).

Ademais, observa-se que o preconceito por parte dos profissionais da saúde em lidar com o assunto sexualidade, seja por enfermeiros, técnicos de enfermagem e até médicos, são influenciados pelos próprios julgamentos e acabam não cumprindo com o seu dever de ajudar qualquer paciente sem nenhuma discriminação (DETOMINI, RASERA, PERES, 2016). Nesse contexto, muitos indivíduos que deveriam ter sido orientados em um contato prévio com o profissional, se tornam vítimas de inúmeras questões de saúde pública, seja doença sexual, gravidez indesejada na adolescência ou aborto ilegal, podendo futuramente, sofrer mentalmente por tais questões que impactarão diretamente em suas vidas.

Em suma, muitos cidadãos são, então, afetados mentalmente de modo injusto quando arcam com as consequências de suas ações sexuais, haja vista que, como dito, são prejudicados pela “ignorância” e “vergonha” da população em evitar abordar sobre certos assuntos como prevenção de doenças sexuais, gravidez indesejada e aborto clandestino, em detrimento de prevenir tantos problemas de saúde pública. Assim, verifica-se que a promoção da saúde é comprometida por esses tabus.

REFERÊNCIAS

- SILVA, Brandão Silva e BRIGÍDO, Edimar. A Sexualidade Na Perspectiva Freudiana. **Revista Contemplação**. [s.d.]. Disponível em: <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/110>.
- ADOLESCÊNCIA. In: Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Michaelis: 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/adolescencia/>.
- ADOLESCÊNCIA: Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência? **Vivendo a adolescência**, 2000. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>.
- ALVE, Graciana; HARDY, Elen. Complicações pós-aborto provocado: fatores associados. **Caderno de Saúde Pública**. Campinas, SP, 2005.
- SOUSA, Leilane Barbosa de; FERNANDES, Janaina Franscisca Pinto; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem** [online]. 2006, v. 19, n. 4
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Aborto e Saúde Pública no Brasil**, Brasília, 2009.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Atenção Humanizada no abortamento; **Caderno nº 4**, p. 11-14, Brasília, 2005. Disponível em: https://bvms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_humanizada_abortamento.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília. 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>.
- BRITO, Nívea Maria Izidro de; ANDRADE, Smalyanna Sgren da Costa; SILVA, Fernanda Maria Chianca da; FERNANDES, Marta Regina Chaves Camilo; BRITO, Karen Krystine Gonçalves; Oliveira, SIMONE Helena dos Santos. **ABCS Health Sci**. 2016; 41(3):140-145. 2016.
- DETOINI, Vitor; RASERA, Emerson Fernandes. Sexualidade e saúde mental: construindo sentidos entre pessoas usuárias de um CAPS. **Programa de Pós-Graduação em Psicologia UFU**. 2016.
- DETOINI, Vitor e RASERA; Emerson Fernandes; PERES, Rodrigo Sanches. Sexualidade e saúde mental: vivências, serviços e estigmas. **Rev. SPAGESP** vol.17 nº2. Ribeirão Preto. 2016.
- Dia Mundial da Saúde Mental alerta para importância de conscientização e educação sobre o tema. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?08/10/2021/dia-mundial-da-saude-mental-alerta-para-importancia-de-conscientizacao-e-educacao-sobre-o-tema>.
- FLORIDO, Carla Cíntia Mendonça. Adolescência, Sexualidade E Gravidez Não Planejada: Desafios E Consequências. **Revista Mundo Livre**, Campos dos Goytacazes, v.5, n.1, p. 3-26, Jan./Jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/mundolivres/article/view/39974/23048>.
- Proporção de crianças e adolescentes sobre a população total. Observatório da criança e do adolescente. **Fundação ABRINQ**. 2021. Disponível em: <https://observatoriocrianca.org.br/cenario-infancia/temas/populacao>.

Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/cerca-de-1-milhao-de-pessoas-contrairam-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-no-brasil-em-2019>.

LOURENÇO, Tainá. Infecções sexualmente transmissíveis entre jovens preocupam especialista. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-entre-jovens-preocupam-especialista/>.

MANN, Claudio Gruber; MONTEIRO, Simone. Sexualidade e prevenção das IST/aids no cuidado em saúde mental: o olhar e a prática de profissionais no Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Caderno Saúde Pública* [online]. 2018, v. 34, n. 7

SILVA, Ingrid Bergmam do Nascimento et al. Depressão e Ansiedade de Pessoas Vivendo com HIV. **Revista Contexto & Saúde**. 21(44), 322–331. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2021.44.9528>

MAIA, Ana Luisa de Menezes Macedo et al. Sexualidade: uma nova área de conhecimento. **Saúde & Conhecimento - Jornal de Medicina Univag**. [s.d.]. Disponível em: <http://periodicos.univag.com.br/index.php/jornaldemedicina/article/view/1065>.

SILVA, Marli de Fátima . Sexualidade e gravidez na adolescência. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. **Núcleo de Educação em Saúde Coletiva da UFMG**. Campos Gerais, 2011.

SILVA, Natália Viana Marcondes da Silva et al.. Health education with adolescents sexuality and STI prevention. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e107985436, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.5436. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5436>.

SOUSA, Leilane Barbosa, FERNANDES, Janaína Francisca Pinto, BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paul Enferm** 2006;19(4):408-13p.

Educational and Treatment in Human Sexuality: the training of Health Professionals. **World Health Organization**. Geneva. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/38247/WHO_TRS_572_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y.



MONICA DE ANDRADE - Vice-presidente da União Internacional de Promoção de Saúde e Educação para a Saúde para América Latina (IUHPE/ORLA). Consultora em propostas de cursos novos de Pós-graduação. Tutora em Habilidades para a Vida da Fundação EDEX (Espanha). Desenvolve Métodos Participativos para o Ensino Superior. Professora convidada da Escola de Saúde Pública, Universidade da Costa Rica, (2012). Consultora para avaliação de Cursos Novos no Comitê Interdisciplinar da CAPES (2015). Participou do São Paulo

School of Advanced Science on Climate Change: Scientific basis, adaptation, vulnerability and mitigation (SPSASCC 2017). 54 orientações concluídas, sendo 1 supervisão de pós-doutorado, 7 orientações de Doutorado, 23 orientações de Mestrado, 4 co-orientações de Mestrado, 7 orientações de Iniciação Científica, 12 orientações de TCC. Participa do Grupo de Trabalho Promoção de Saúde e Desenvolvimento Sustentável da ABRASCO. <http://lattes.cnpq.br/4625765471235917>



NATÁLIA DE FÁTIMA GONÇALVES AMÂNCIO Fisioterapeuta, formada pelo Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM (2010), Pós-Doutora em Promoção da Saúde pela Universidade de Franca- UNIFRAN (2020), especialista em Fisioterapia na Saúde da Mulher e do Homem pela FCMMG (2014) e em Saúde Pública com ênfase em Saúde da Família pelo UNIPAM (2013). É docente do Curso de

Medicina do UNIPAM, e membro do Conselho Curador do UNIPAM. <http://lattes.cnpq.br/3797112138697912>



KARINE SIQUEIRA CABRAL ROCHA Médica, formada pela UFMG em 2001. Especialista em Medicina de Família e Comunidade e em Homeopatia. Mestre em Ciências da Saúde pela UFSJ e doutoranda em Promoção da Saúde pela UNIFRAN. Docente da UFSJ desde 2010 e do UNIPAM desde 2014. Atualmente é coordenadora do curso de medicina do UNIPAM. <http://lattes.cnpq.br/1327777040350860>

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A FORMAÇÃO MÉDICA E OS DESAFIOS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A FORMAÇÃO MÉDICA E OS DESAFIOS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE